

A ARTE

REVISTA LITTERARIA

N.º 1—1.ª Anno

Barcellos, 1 de Maio de 1902.

N.º avulso 20 rs.

LUIZ DE CAMÕES

E' justamente classificado o rei dos poetas portuguezes e a nossa maior gloria litteraria, porque ligou o seu nome ao poema mais admiravel que Portugal possui, e uma das mais bellas obras litterarias de todo o mundo—OS «LUSIADAS».

Camões principiou os primeiros estudos em Lisboa, e depois os foi continuar em Coimbra.

Foi alli que elle principiou a revelar o seu grande genio poetico.

Voltando a Lisboa, resolveu-se a ir militar em Ceuta, onde combateu valorosamente, e onde perdeu a luz d'um dos olhos.

Regressando á patria, uma discordia qualquer entre elle e um criado de El-rei, levou este a desterrar-o para a India, para onde embarcou como simples soldado na nau capitaneada por Fernão Alvares Cabral.

Na India, a vida do poeta foi

muito agitada e egualmente cheia de aventuras.

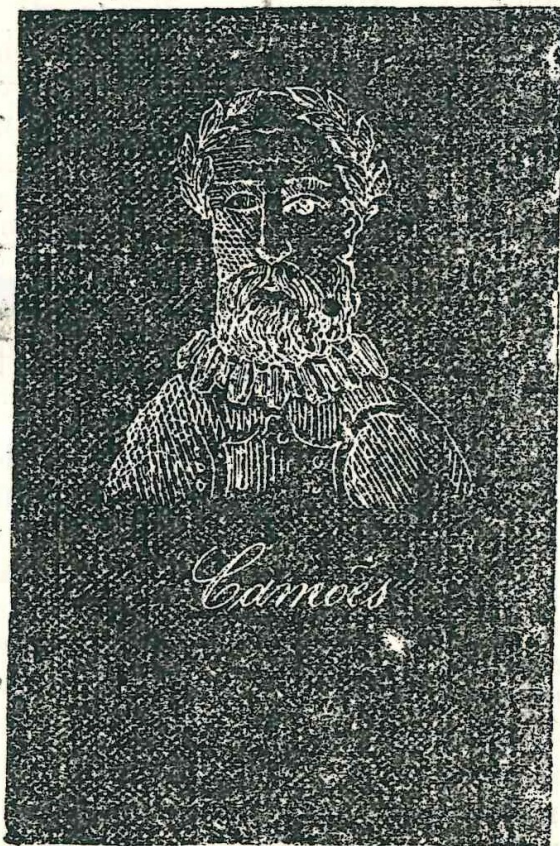
D'ahi passou para Macau a desempenhar o cargo de «PROVEDOR DOS DEFUNCTOS E AUZEN-

TES». Dois annos, aproximadamente, demorou Camões na China, e foi durante esse tempo que compoz na sua gruta a maior parte do poema OS-LUSIADAS.

No regresso para Goa nova desgraça o assaltou na nau que o transportava: naufragou na Costa de Cambaia, e Camões conseguiu salvar-se a nado, segurando em uma das mãos o manuscrito do poema.

Em Goa, o poeta viu-se accommettido de novos desgostos, até que já cansado de tanto soffrimento e ralado pelas saudades da patria, decidiu-se voltar a ella.

Immediatamente tratou de mandar imprimir os «LUSIADAS» e em 1528 saiu a primeira edição of-



ferecida a D. Sebastião que lhe arbitrou uma tença.

A ARTE

Ao encetarmos a publicação d'este quinzenario tivemos como que o presentimento de que elle—despido de *Chite* e de *verve*, predcados indispensaveis em publicações d'esta natureza, iria por certo cair no desagrado geral. No entanto, dominado por uma força irresistivel de vontade, e incitados pelas nossas 14 primaveras, não podemos resistir á tentação de sermos jornalistas.

«A ARTE» será nossa interpetre. Reproduzirá embora desageitadamente, mas sempre com a maxima imparcialidade e desinteresse todo o nosso sentir.

Despido de qualquer facção politica, envidará todos os esforços por se conduzir sempre pela estrada da verdade. Feita a apresentação, prosigamos na ardúa tarefa.

O BOM FILHO A CASA TORNA

João Fernandes era um abastado lavrador do Douro, do anno de 1874. Tinha tres filhos que amava loucamente; a estes porem, faltava-lhe outro amor mais doce e mais suave:—o maternal.

Havia a mãe fallecido louca furiosa. Seus dois filhos mais novos, depois do fallecimento da mãe davam já alguns signaes de demencia e em 1875 suicidava-se um e annos depois o outro. Restava ao desconsolado pae, um unico amparo—o filho mais velho. Era com este que elle contava, para descanso dos seus ultimos dias, se a cruel morte lh'os não encortasse tambem.

O inesperiente mancebo, que contava apenas vinte e dois annos, só em uma coisa pensava: Vêr mundo.

Esta ideia lhe não saia do cerebro, antes pelo contrario, mais se lhe consentrava. Assim se passou algum tempo, até que se resolveu a fallar ao pae para viajar.

Este annuiu por ser seu intento não contrarial'o; porem, Deus sabe o que isso lhe custava. O filho partiu com a herança materna. Facil lhe foi, com o dinheiro que tinha, criar *amigos*. Porem, assim que a herança acabou e elle se dirigiu aos seus amigos a pedir-lhes amparo, estes receberam as suas lamurias, com desdenhosos sorrisos de ironia; e encolhendo os hombros respondiam-lhe:

—Se estás na miseria não fosses tolo.

Depressa o inexperiente mancebo se convenceu, de que aquelles que elle contava como amigos, não eram mais que uns exploradores, que agora o abandonavam por já não ter que espremer.

Resolveu-se então voltar ao lar paterno, cujas saudades o atormentavam. Ao entrar em casa ruborisado pelo seu procedimento, um triste espectáculo se lhe deparou.

O pae, acompanhado por um padre estava estendido n'um caixão fúnebre. Tinha fallecido com a dôr da separação do filho que adorava.

Então o mancebo louçou mão d'um punhal que havia perto, intruduziu-o sem pronunciar uma palavra, no peito, cae alagado em sangue balbociando apenas um som rouco, que parecia dizer

Ai! Perdão!

E ficou inerte. Isto tão depressa se passou que os que assistiram a esta scena, não lhes puderam valer.

A loucura heriditaria fez os seus efeitos

EXPEDIENTE

A todos os jornaes, a quem enviarmos o nosso e que não desejem permutar com es-

te, pedimos o favor, de nol'o devolverem o mais cedo possivel sendo o mais tardar, até à publicação do nosso segundo numero. Igual pedido fazemos a todas as pessoas que não quizerem permutar o nosso jornal... com vinte reis semanaes (tão baratinho!),

«A ARTE»

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez
Condições de assignaturo;

Pagamento adiantado	Em Barcellos
Mez:	40 reis
Trimestre	120
Semestre	240
Anno	400
Fôra de Barcellos:	
Mez	50 reis
Trimestre	150
Semestre	300
Anno	500

Directores | Anthero Faria
| Domingos Gavieira

Administrador 
Toda a correspondencia deve ser dirigida
a , Rua Direita Barcellos, 110.

FEIRA DAS MULHERES

Ha na extremidade oriental da Ungria a montanha de Bilhar, habitada por gente pastoril, de raça valaquia e mui remota de civilização europea. No dia de S. Pedro concorre este povo á planicie de Kalinassa, e ali faz-se uma feira, mercado de permutação de generos, como em toda a parte; mas muito notavel por ser o campo dos casamentos. Os paes que teem filhas ca-

sadoura trazem consigo as donzelas, e n'um carro os dotes, que consistem em pobres moveis domesticos alem de cabeças de criação que vem por seu pé. Apesar de nunca se terem visto, os mancebos revistando a feira escolhem as noivas a olho, e ao tratar do ajuste regateiam a quantidade e valor, do dote: ajustado este e feita a escolha recebe o par a benção nupcial; sem cerimonia despedindo-se das respectivas familias. O governo hungaro ha tempos que faz diligencias por supprimir esta feira, que ás vezes é causa de rixas sanguinolentas e por temor de hostilisar abertamente aquella tribu, vae com providencias prudentes restringindo pouco a pouco os privilegios do mercado.

SONETO

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no ceu eternamente.
E viva eu cá na terra sempre triste.

Sé lá no assento etherio onde subiste
Memoria d'esta vida se consente
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste

E se vires que pode mercer-te
Alguma cousa a dor, que me ficou
Da magua sem remedio de perderte;

Roga a Deus, que teus annos encortou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo dos meus olhos te levou.

LUIZ DE CAMÕES

*Roga a Deus que teus olhos
Que um dia te leve
a ver-te*

BOUAGÉ

Este celebre poeta nasceu em Setu-
bal.

Como Camões militou, foi á India e naufragou. De volta a Lisboa, as suas idéas, um confuso Deismo e um vago republicanismô á Romana, levaram-no ás mãos da Inquisição. Solto, começou as suas principais obras. Era evidentemente um genio poetico, mas não individual e forte bastante para se desprender do mau gosto litterario do século que o estragou. Gastou immenso talento em traduzir poemas francezes abominaveis. Nos seus *Sonetos e Satyras* poz o melhor dos seus sentimentos e da sua veia. (1763-1805).

SONETO

*Nos torpes laços de Belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento,
E, forçada ao servil abatimento,
Contra os sentidos a Razão murmura.*

*Eu, que outr'ora incensava a formosura
Das que enfeita o Pudor gentil, e isento
A já corrupta ideia hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura.*

*Se a vejo repartir prazer e agrado
Aquelle, a este, co'a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado.*

*Ceol! Quem me reduzio a tal baixeza?
Quem tão cego me pôz! . . . Ah! foi meu Fado.
Que tanto não podia a Natureza.*

Bocagé,

O SACCO DAS NOZES

(Conto popular)

O abbade d'uma freguezia, costumava fazer a sua pratica aos domingos, e re-

prehendia os costumes no povo conforme lhe dava geito. D'uma vez disse:

—Eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os mandados da Escriptura, e como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo, onde pôde mais a gallinha que o gallo.

Ora eu tive este anno muitas nozes no passal e aqui declaro que dou um sacco cheio d'ellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher.

Depois da missa quem se achar em sua consciencia sem este mau costume, pôde ir ao passal buscar as nozes.

Estava na igreja um homem casado, que era muito ralhão, e que tratava a mulher de mau modo; em casa ninguem abria bico diante d'elle; disse para um que estava á sua beira:

—Nozes já eu tenho, é que ninguem m'as tira; pelo menos ninguem cá na freguezia m'as tira.

Chegado o fim da missa, apresentou-se em casa do abbade:

—Aqui estou, senhor abbade, não ha ninguem ahí pela freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

—Eu bem sei o teu viver. E, pelo que teem dito, levás as nozes. Anda cá, vem encher o sacco.

O homem entrou, e puchou de um sacco meão; diz-lhe o abbade.

—Oh! homem, tu não tinhas outro sacco maior?

—Tinha, sim, senhor.

—Então porque não trouxeste um sacco bem grande?

—Oh senhor, eu trazia, mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha; teimou que trouxesse um mais maneirinho. . . .

—Ah grande tratante, que não levás d'aqui nada. Anda, tudo, tudo, e põe-to já no olho da rua.

O homem foi-se arrependido por lhe ter fugido a lingua para a verdade.

Theophilo Braga.